DOI 10.20504/opus2022.28.08

O mundo (re)criado por Vinci de Moraes

Marília do Espírito Santo Carvalho
(Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis-SC, Brasil

Resumo: O presente texto é uma resenha de *Criar um mundo do nada: a invenção de uma historiografia da música popular do Brasil*, de José Geraldo Vinci de Moraes, publicação de 2019 que integra a Coleção Entr(H)istória, do Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade de São Paulo em parceria com a Editora Intermeios. O livro resulta da tese de livre-docência defendida por Vinci de Moraes em 2017 na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP (FFLCH-USP) e discorre sobre a atuação de cronistas e memorialistas na construção da historiografia da música popular do Brasil. Esse assunto se inscreve numa reflexão mais ampla, que perpassa todo o trabalho, sobre os limites e conflitos entre memória e história. Conforme detalha as trajetórias de Almirante, Ary Vasconcelos, Edigar de Alencar, Jota Efegê, Lúcio Rangel, Vagalume, entre outros personagens, Vinci de Moraes vai sublinhando os caminhos e mecanismos de construção da narrativa hoje hegemônica sobre a música popular brasileira. Ao longo dos oito capítulos, o autor apresenta a constituição dessa historiografia como um extraordinário processo criativo iniciado por volta dos anos 1930, a partir de um discurso inicialmente marginal, até atingir, na década de 1970, reconhecimento institucional e formalidade intelectual, passando a compor o imaginário cultural do país. Se os personagens investigados foram capazes de "criar um mundo do nada", o trabalho de Vinci de Moraes recria esse mundo, na medida em que propõe uma interpretação desse processo. É mais um fio dessa grande trama de invenções historiográficas.

Palavras-chave: José Geraldo Vinci de Moraes. Historiografia da música popular. Invenção historiográfica. Memória e história.

The world (re)created by Vinci de Moraes

Abstract: This is a review of *Criar um mundo do nada: A invenção de uma historiografia da música popular do Brasil* ("Creating a world from nothing: The invention of a historiography of Brazilian popular music"), by José Geraldo Vinci de Moraes published in 2019 as part of the *Entr(H)istória* Collection of the Graduate Program in Social History at the University of São Paulo in partnership with *Intermeios*. The book is the result of a habilitation thesis defended by Vinci de Moraes in 2017 at the Faculty of Philosophy, Letters and Human Sciences at USP (FFLCH-USP) and discusses the role of chroniclers and memorialists in the construction of the historiography of popular music in Brazil. This subject is part of a broader reflection, which permeates the entire work, on the limits and conflicts between memory and history. As he details the trajectories of Almirante, Ary Vasconcelos, Edigar de Alencar, Jota Efegê, Lúcio Rangel, Vagalume, among other influential players, Vinci de Moraes underlines the paths and mechanisms of constructing the now hegemonic narrative on Brazilian popular music. Over eight chapters, the author describes the makeup of this historiography as an extraordinary creative process beginning around the 1930s, initially from a marginal discourse, until reaching, in the 1970s, institutional recognition and intellectual formality, ultimately comprising the cultural imaginary of this country. If the players investigated were able to "create a world from nothing", Vinci de Moraes' work recreates this world, as he presents an interpretation of the process. It is one more thread within the large web of historiographical inventions.

Keywords: José Geraldo Vinci de Moraes. Historiography of popular music. Historiographical invention. Memory and history.

CARVALHO, Marília do Espírito Santo. O mundo (re)criado por Vinci de Moraes. *Opus*, v. 28, p. 1-10, 2022. http://dx.doi.org/10.20504/opus2022.28.08
Recebido em 15/9/2021, aprovado em 16/6/2022

Ao folhear um livro desconhecido, é de praxe sobrevoar o índice: "A mais alta patente", "Ovos quentes com Noel e xixi no jardim do Jacob", "A dança do ganso"?! Sim, esses são alguns capítulos que logo saltam aos olhos, despertando a curiosidade por *Criar um mundo do nada: a invenção de uma historiografia da música popular do Brasil*, de José Geraldo Vinci de Moraes. Com 218 páginas, a publicação de 2019 integra a Coleção Entr(H)istória, do Programa de Pós-Graduação em História Social da USP, pela Editora Intermeios.

No "Pequeno prelúdio explicativo", que antecede o capítulo 1, o texto inicia com uma passagem do cartunista Ziraldo e seu formidável truque para descobrir datas de episódios longínquos: consultar o livro *O carnaval carioca através da música* (1965), do jornalista e cronista Edigar de Alencar, um dos personagens que será abordado por Vinci de Moraes. No livro de Alencar, além de dados historiográficos de boa parte dos carnavais do Rio de Janeiro do século XX, encontra-se também o começo da letra e da melodia dos principais sucessos musicais de cada ano. O detalhe é que o trabalho de Alencar só serve ao propósito de Ziraldo porque o cartunista, como muitos de nós, embora não se lembre com precisão das datas em que ocorreram fatos marcantes em sua vida, recorda as canções que estavam em voga em cada época. Assim Vinci de Moraes apresenta sua temática: a atuação de cronistas e memorialistas na construção da historiografia da música popular do Brasil, assunto que se inscreve numa reflexão mais ampla, sobre os limites e conflitos entre memória e história. Com o causo do mineiro Ziraldo, Vinci de Moraes também dá o tom de sua escrita, surpreendendo positivamente e conquistando já nas primeiras linhas aqueles que ainda supõem que o contato com um texto acadêmico não pode se traduzir numa experiência prazerosa de leitura, com passagens engraçadas e momentos de identificação afetiva.

Nessa zelosa investigação, resultado de tese de livre-docência defendida em 2017 na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), são consultadas tanto fontes escritas quanto sonoras. Os argumentos são sustentados por ampla bibliografia, que abrange importantes pensadores do campo historiográfico e reconhecidos trabalhos sobre memória e história (ARIÈS, 1994. ARTIÈRES, 1998. ASSMAN, 2011. BLOCH, 2001. BOSI, 1997. CERTEAU, 2010, 1994, 1982. COLLINGWOOD, 1986. CORBIN, 1994, 2016. HALBWACHS, 1977. NORA, 1984. POLLAK, 1989. RICOEUR, 2007. YATES, 2007. WILLIAMS, 2007), estudos de historiografia da música popular (BAIA, 2015. CARNEVALI, 2017. NAPOLITANO, 2007. SANDRONI, 2001. TINHORÃO, 2000), que são

articulados com leituras clássicas do campo musicológico (ATTALI, 1977. COOK, 2009. FUBINI, 2007. HARNONCOURT, 1998. KERMAN, 1987. SCHAEFFER, 2010) e da Escola de Frankfurt (ADORNO, 2011, 1978. BENJAMIN, 1985). Tais referências são detalhadas tanto na seção final do livro, "Fontes e bibliografia", quanto em atenciosas notas de rodapé, que permitem que os leitores tomem conhecimento dos principais autores e textos que vêm orientando as atuais reflexões do campo historiográfico.

Os arquivos sonoros, por sua vez, são disponibilizados em uma página da internet vinculada ao Grupo de Pesquisa Entre a Memória e a História da Música, formado por pesquisadores do Departamento de História da USP e de outras instituições. O portal memoriadamusica.com.br é de livre acesso e, ao oferecer parte da produção acadêmica do grupo acompanhada de escutas, visa ampliar a compreensão das narrativas e expandir os horizontes das investigações. Na seção referente ao livro, encontram-se, de maneira muito organizada, os *links* para todos os áudios comentados em *Criar um mundo do nada*, com os capítulos e os números das páginas em que são mencionados. Destacam-se gravações históricas de cantos indígenas, todos os registros existentes das séries radiofônicas realizadas por Almirante e entrevistas com personagens do estudo. Passear pelo *site* realizando as escutas é uma experiência formativa prazerosa, que nos transporta no tempo e no espaço e que pode, inclusive, preceder e motivar a leitura do livro.

A expressão "criar um mundo do nada", que compõe o título, faz referência a uma declaração feita pelo jornalista Ary Vasconcelos em 1964, ao tentar resumir como seria a tarefa dos que aceitassem trabalhar em prol da preservação da memória da música popular do Brasil e da constituição de sua historiografia. O diagnóstico, nada otimista, era compartilhado por outros jornalistas, cronistas, críticos, estudiosos e colecionadores. Vagalume, Orestes Barbosa, Almirante, Jota Efegê, Mariza Lira, Lúcio Rangel, além dos já mencionados Edigar de Alencar e Ary Vasconcelos, destacam-se entre o reduzido grupo dos que aceitam a empreitada. É sobre eles que a pesquisa se debruça, personagens que têm em comum o fato de terem vivido "no mesmo passado sobre o qual recordam, comentam e escrevem" (MORAES, 2019: 9). Ao longo dos oito capítulos, Vinci de Moraes (2019: 11) procura discutir esse processo cultural iniciado "de maneira completamente dispersa" nos anos 1930 até sua institucionalização na década de 1970.

1. Os capítulos

No primeiro capítulo, "Um lado: escutar a Nação", Vinci de Moraes aborda a música popular do início do século XX sob a perspectiva da construção do Estado nacional. O poético subtítulo "Para guardar a história tive de fazer uma cantiga com ela" remete ao valor mnemônico da canção e à preeminência da cultura oral nas camadas populares brasileiras, fatores que levam a música popular a desempenhar um papel central na produção e interlocução cultural e social em nosso país já nas primeiras décadas do século. A modernização em ritmo acelerado e os consequentes conflitos entre os mundos rural e urbano transformam a música em "item crucial" para a identificação e compreensão do que significava "ser brasileiro", tanto internamente quanto diante de outras nações (MORAES, 2019: 15). Com o advento do fonógrafo, os pesquisadores Roquette-Pinto e Mário de Andrade foram os primeiros que, segundo o autor, literalmente escutaram a nação, ainda que com um olhar folclorista-salvacionista para as diferentes músicas ágrafas que registraram.

Enquanto isso, nos grandes centros, a "pianolatria" (MORAES, 2019: 29) levou à intensa publicação escrita de modinhas, lundus, polcas, maxixes, entre outros gêneros em formação. A Casa Edison, fundada em 1900, deu o impulso inicial para o desenvolvimento da indústria fonográfica, realizando as primeiras gravações dessa nova música urbana que, por sua vez, ocupará lugar de destaque na imprensa. Esse assunto é enfocado no capítulo dois, "Outro lado: escutar o cotidiano". A trajetória de Francisco José Gomes Guimarães (1877-1947), o Vagalume, é apresentada como exemplificadora da dinâmica que o colunismo sobre a vida urbana – e, mais especificamente, sobre o carnaval – assume junto à imprensa carioca. Vinci de Moraes (2019: 40) argumenta que, pelo fato de estarem diretamente envolvidos com as experiências culturais de seu objeto jornalístico, os cronistas realizavam, com tom saudosista, belas sínteses entre "o útil e o fútil" do cotidiano na metrópole.

Os capítulos três – "A mais alta patente" – e quatro – "Eu vivi e vi" – são centrados, respectivamente, nos personagens Almirante e Jota Efegê. Conforme detalha suas trajetórias, Vinci de Moraes vai sublinhando os caminhos e mecanismos de construção da narrativa hoje hegemônica sobre a música popular brasileira. Para se ter uma ideia, Henrique Foréis Domingues (1908-1980), o célebre Almirante, foi roteirista e apresentador de importantes séries de rádio de meados da década de 1930 até o início dos anos 1950. Por meio de programas como *Curiosidades Musicais* (que teve três temporadas entre 1935 e 1941), *Instantâneos Sonoros do Brasil* e *Aquarelas do*

Brasil (ambos realizados em 1945), e *No tempo de Noel Rosa* (1951), Almirante divulgou histórias, consagrou artistas e repertórios e difundiu seus discursos em defesa da cultura nacional, que se tornariam ainda mais fervorosos com os avanços da música estrangeira na passagem dos anos 1940-1950.

Desse modo, no capítulo cinco, "Ovos quentes com Noel e xixi no jardim do Jacob", Vinci de Moraes (2019: 111) salienta a forte "rede cultural" que foi sendo formada, onde indivíduos que circulavam pelos mesmos espaços e tinham interesses musicais em comum começaram a adotar práticas intelectuais e a expressar concepções muito semelhantes a respeito da nossa música popular. Um dos personagens enfocados nesse capítulo é o jornalista Lúcio Rangel, que, apesar da ascendência "aburguesada" (MORAES, 2019: 111), transitava tanto pelos círculos de elite quanto pela boemia popular carioca. Além de ter atuado em diversas redações de jornais e revistas da época, Rangel foi o criador da *Revista da Música Popular*, que, entre outubro de 1954 e setembro de 1956, lançou 14 números e tinha como objetivo dar um tratamento culturalmente mais elevado a essa música.

No capítulo seis, "A dança do ganso", destaca-se o tópico das biografias como fonte de pesquisa. Vinci de Moraes toma como mote o trabalho realizado pelo jornalista cearense Edigar de Alencar, que em 1968 biografou o pianista e compositor da virada do século XX José Barbosa da Silva, o Sinhô. Dentre as questões elencadas, ressalta-se o fato de as biografias frequentemente transitarem entre os gêneros romance e literatura, fazendo com que nesse tipo de obra os campos da memória e da história sejam ainda mais difusos. Outra característica que compromete o uso desse material como fonte primária é que, frequentemente alimentadas pelo mito do gênio criador, as biografias são centradas em um único indivíduo e, ao abordarem-no isoladamente, tendem a minimizar, ou mesmo negar, a importância do contexto, debate que surge nos anos 1960-1970, mas chega "muito tardiamente à musicologia e à história da música" (MORAES, 2019: 137). Embora se ressentisse da falta de prestígio experimentada por aqueles que escreviam sobre música popular, Vinci de Moraes comenta que Alencar obteve relativo sucesso, uma vez que a biografia *Nosso Sinhô do Samba* inaugurou um modelo de escrita biográfica que foi seguido por muitos, e *O carnaval carioca através da música* foi bastante consultado – não apenas por Ziraldo, mas por roteiristas de programas de rádio e TV –, além de ter sido tomado como fonte primária por pesquisadores acadêmicos nas décadas de 1980 e 1990.

O capítulo sete, "Da estaca zero", é dedicado a Ary Vasconcelos. Seu livro *Panorama da música brasileira*, publicado em 1964, foi recebido com entusiasmo pela crítica da época. Foi percebido como um trabalho pioneiro e desbravador, que teria partido "do zero". Segundo Vinci de Moraes (2019: 145), no livro de Vasconcelos transparecem características de sua escrita musical jornalística, que "parecia estar a serviço da recuperação do passado como forma de garantir a preservação da qualidade da música que se produzia no presente e evitar desvios à tradição". A preocupação com a conservação da alma nacional é vista por Vinci de Moraes como um eco do discurso radiofônico de Almirante. O fato de serem "colecionadores obstinados" é ressaltado por Vinci de Moraes como traço comum a Ary Vasconcelos e a outros críticos e cronistas de sua geração. Para esses indivíduos, a coleção desempenhava "dupla função": a de "salvar da extinção algo em vias de desaparecer e assim preservar sua história" e a de "acumular privadamente suas fontes para justamente fazer a história" (MORAES, 2019: 146). Algumas dessas coleções pessoais vieram a se tornar acervos públicos funcionais, como foi o caso dos arquivos de Almirante e Lúcio Rangel.

No capítulo final, "Da memória à história e vice-versa", Vinci de Moraes destaca, especialmente entre os anos de 1930-1960, a formação de vasta rede social e de conhecimentos, por meio do diálogo permanente entre radiofonia, escritores e seus textos, o que é verificado pelos programas de rádio e pela grande quantidade de ensaios críticos, crônicas, memoriais e, sobretudo, livros, os responsáveis por outorgar "autoridade intelectual" (MORAES, 2019: 160) à música popular. Os prefácios e introduções são mencionados como peças importantes na formação dessa "intrincada cadeia de colaborações recíprocas" (MORAES, 2019: 168), onde a citação de obras de colegas, as menções em agradecimentos, os convites para redação de orelhas etc. eram práticas costumeiras e consistiam em uma das estratégias desse grupo preocupado em construir um discurso historiograficamente mais consistente, uma "história com conteúdo real e verdadeiro" (MORAES, 2019: 169). Como é possível supor, toda essa produção desempenhou um papel educativo da escuta, sedimentando juízos e valores.

Por fim, o autor reitera a historiografia da música popular do Brasil, cujo reconhecimento cultural e institucional se dá a partir da década de 1970, como fruto de um extraordinário processo criativo que parte de um discurso inicialmente marginal até atingir uma formalidade intelectual, se transformando em "legítimo paradigma" e se "entranhando profundamente no imaginário da cultura musical do país" (MORAES, 2019: 193).

2. Mundos (re)criados

Criar um mundo do nada é um trabalho que contribui para o preenchimento da lacuna observada por Tânia Garcia de estudos capazes de destrinchar as "redes de sociabilidade que permitiram que a invenção desta tradição se perpetuasse" (GARCIA, 2017: 73). E se, conforme enfatiza Vinci de Moraes (2019: 142) a partir de Certeau (1994), "a página escrita não apenas recebe e revela o real, mas produz o próprio mundo", suas páginas tanto legitimam o mundo criado por esses personagens como produzem um novo mundo, na medida em que também apresentam uma versão e propõem interpretações sobre o tema. Isso se dá pela maneira como os assuntos são escolhidos e apresentados, na organização e no desenvolvimento dos argumentos, no que é deixado de fora ou relegado a um segundo plano – ou, como o próprio Vinci de Moraes (2019: 161) coloca, nas pequenas histórias que são escolhidas para compor "a História". Assim, um dos grandes méritos do livro reside em sua capacidade de se reconhecer como mais um fio dessa trama de invenções historiográficas, incentivando, de modo irrestrito, uma atitude crítico-reflexiva do leitor.

Outra dimensão de (re)criação que pode ser mencionada se relaciona com a fundação da historiografia dos sons/música como área de estudos e reflexão teórica. Em entrevista concedida ao grupo interdisciplinar Núcleo de Pesquisas em Sonologia (NuSom), da Universidade de São Paulo[1], no ano de publicação do livro, o pesquisador conta que, procurando entender como e em que momento os historiadores começam a se interessar pelo universo sonoro, realizou juntamente com seu grupo de pesquisas um levantamento dos trabalhos acadêmicos produzidos pelos programas brasileiros de pós-graduação em História. Vinci de Moraes sublinha como um traço comum aos trabalhos voltados aos sons desde finais dos anos 1970 até inícios dos anos 2000 o fato de serem calcados em fontes quase que estritamente literárias – cenário que, segundo ele, hoje mudou. Além de os historiadores estarem mais preparados para enfrentar os elementos "construcionais" (TAGG, 2011), mesmo aqueles que ainda não estão já possuem preparo e consciência da importância de lidar com o universo da escuta[2]. Outro dado que chama a atenção é o crescimento do número de pesquisas nesse campo: na década de 1970, foi produzida apenas uma tese (em 1979); já entre

[1] Centro de pesquisas dedicado à investigação acadêmica num ambiente interdisciplinar que integra áreas voltadas para os estudos do som, para a reflexão crítica sobre a música e as artes sonoras e para a pesquisa no campo das técnicas e tecnologias musicais. A entrevista foi realizada em 16 de setembro de 2019, no Departamento de Música da USP. Para assistir na íntegra, acesse: www2.eca.usp.br/nusom.

[2] Preparo esse que está diretamente relacionado, por sua vez, à digitalização e disponibilização dos acervos sonoros.

2000 e 2009, foram 168, entre dissertações, teses e livres-docências. Nesse sentido, é preciso apreciar o livro de Vinci de Moraes em relação ao espaço que ele ocupa dentro da genealogia desse jovem campo. Não por acaso, o trabalho recebeu "a mais alta patente" acadêmica.

Em tempos em que as universidades públicas são formalmente ameaçadas no Brasil, convém observar o título de livre-docência em seu potencial de denotar um longo percurso de dedicação de um pesquisador a uma tarefa. Não obstante todo o empenho pessoal, vale frisar a dimensão coletiva da conquista, tendo em vista que José Geraldo Vinci de Moraes contou com a "inestimável ajuda", "direta e indireta" (MORAES, 2019: 12), de colegas e alunos, usufruindo de toda uma estrutura de ensino e pesquisa. Os resultados, por sua vez, também são desfrutados coletivamente: aproximam diferentes gerações de estudiosos de diversas áreas e lugares e fortalecem transnacionalmente nossas memórias e histórias.

Referências

ADORNO, Theodor. A indústria cultural. *In:* COHN, G. (org.). *Comunicação e indústria cultural.* São Paulo: Nacional, 1978.

ADORNO, Theodor. *Introdução à sociologia da música.* São Paulo: Ed. Unesp, 2011.

ALENCAR, Edigar de. *O carnaval carioca através da música.* Rio de Janeiro: Letras e Artes, 1965.

ALENCAR, Edigar de. *Nosso Sinhô do samba.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

ARIÈS, Philippe. *Um historiador diletante*. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1994.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro: FGV, v. 11, n. 21, p. 9-34, jul. 1998.

ASSMAN, Aleida. *Espaços da recordação*: formas e transformações da memória cultural. Campinas: Ed. Unicamp, 2011.

ATTALI, Jacques. *Bruits*: essai sur l'économie politique de la musique. Paris: PUF, 1977.

BAIA, Silvano. *A historiografia da música popular*: análise crítica dos estudos acadêmicos até o final do século XX. Uberlândia: EdUFU, 2015.

BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.

BLOCH, Marc. *Apologia da história*: Ou o ofício do historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade*: Lembranças de velhos. 4. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

CARNEVALI, Flávia. *Entre a memória e a história*: a escrita e historiografia da música popular brasileira. Tese (Doutorado em História). Departamento de História, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

CERTEAU, Michel de. *A cultura no plural*. 6. Ed. São Paulo: Papirus, 2010.

COLLINGWOOD, Robin George. *A ideia de história*. 6. ed. Lisboa: Presença, 1986.

COOK, Nicholas. Methods for analysing recordings. *In:* COOK, N.; CLARKE, E.; LEECH-WILKINSON, D.; RINK, John (org.). *The Cambridge Companion to Recorded Music*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

FUBINI, Enrico. *La estética musical desde la antigüedad hasta el siglo XX*. 2. ed. Madri: Alianza Editorial, 2007.

GARCIA, Tânia. Afinidades eletivas: a Funarte e o samba carioca como patrimônio da cultura nacional. *Revista Tempo & Argumento*, Florianópolis, v. 9, n. 22, p. 70-92, set./dez. 2017.

HALBWACHS, Maurice. *Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, 1977.

HARNONCOURT, Nicolas. *O discurso dos sons*: caminhos para uma nova compreensão musical. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

KERMAN, Joseph. *Musicologia.* São Paulo: Martins Fontes, 1987.

MENEZES BASTOS, Rafael José de. Esboço de uma Teoria da Música: para além de uma Antropologia sem Música e de uma Musicologia sem Homem. *Aceno*, Cuiabá, v. 1, n. 1, p. 49-101, 2014.

MORAES, José Geraldo Vinci de. *Criar um mundo do nada*: a invenção de uma historiografia da música popular do Brasil. São Paulo: Intermeios, 2019.

NAPOLITANO, Marcos. *A síncope das ideias*: a questão da tradição na música popular brasileira. São Paulo: Perseu Abramo, 2007.

NORA, Pierre. Entre mémoire et histoire: la problématique des lieux. *In:* NORA, P. *Les lieux de mémoire*. Paris: Gallimard,1984.

POLLAK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história e o esquecimento*. Campinas: Ed. Unicamp, 2007.

ROMERO, Sílvio. *História da literatura brasileira*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1943.

SANDRONI, Carlos. *Feitiço decente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

SCHAEFFER, Pierre. *Ensaio sobre o rádio e o cinema*: estética e técnica das artes relé (1941-42). Belo Horizonte: EdUFMG, 2010.

TAGG, Philip. Análise musical para "não musos": a percepção popular como base para a compreensão de estruturas e significados musicais. *Per Musi*, Belo Horizonte, n. 23, p. 7-18, 2011.

TINHORÃO, José Ramos. *A imprensa carnavalesca no Brasil*. São Paulo: Hedra, 2000.

VASCONCELOS, Ary. *Panorama da música popular brasileira*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1963. v. I e II.

WILLIAMS, Raymond. A imprensa e a cultura popular: uma perspectiva histórica. *Projeto História*, São Paulo, n. 35, p. 15-26, 2007.

YATES, Francis. *A arte da memória*. Campinas: Ed. Unicamp, 2007.

Marília do Espírito Santo Carvalho é mestra em Música pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC, 2018) e licenciada em Educação Artística com habilitação em Música pela Universidade de Brasília (UnB, 2007). É formada em flauta doce (2004), flauta transversal (2005) e arranjo (2014) pelo Centro Profissional - Escola de Música de Brasília (CEP-EMB). É professora do CEP-EMB desde 2011, onde leciona as disciplinas de Flauta Doce, Música de Câmara e Teoria Musical. Atua na criação e execução ao vivo de trilhas sonoras de espetáculos teatrais desde 2007. É integrante das companhias brasilienses Andaime Cia de Teatro e Os Buriti Teatro de Dança. Atualmente, cursa Doutorado em Música na UDESC, na linha Teoria e História, sob a orientação do Prof. Dr. Sérgio Paulo Ribeiro de Freitas. marilia.carvalho@edu.udesc.br